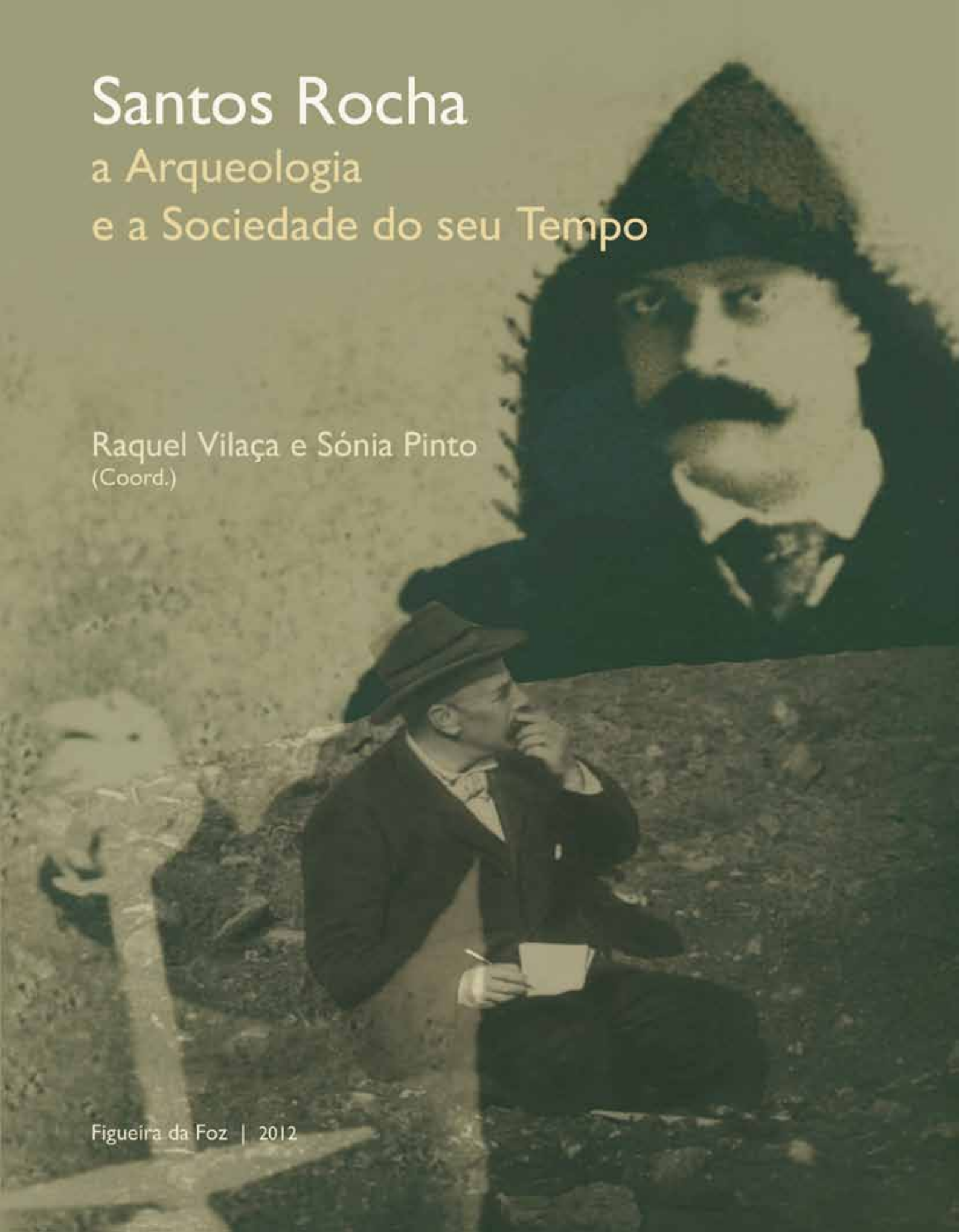


Santos Rocha

a Arqueologia
e a Sociedade do seu Tempo

Raquel Vilaça e Sónia Pinto
(Coord.)

Figueira da Foz | 2012



SANTOS ROCHA
A ARQUEOLOGIA
E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO

COORDENAÇÃO
RAQUEL VILAÇA E SÓNIA PINTO

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo

COORDENAÇÃO

Raquel Vilaça e Sónia Pinto

EDIÇÃO

Casino Figueira

DESIGN GRÁFICO

José Luís Madeira

CAPA

António dos Santos Rocha (Arquivo Fotográfico do Museu Municipal Santos Rocha)

FOTOCOMPOSIÇÃO: João Ricardo Cruz

PAGINAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGEM

José Luís Madeira

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Tipografia Lousanense, Lda. – Lousã

TIRAGEM

1000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

352300/12

ISBN

978-989-97881-3-8

ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA
(30 DE ABRIL DE 1853; 28 DE MARÇO DE 1910)
E A EXPLORAÇÃO ARQUEOLÓGICA DAS GRUTAS DA COLUMBEIRA (BOMBARRAL)

JOÃO LUÍS CARDOSO (*)

1. O ambiente económico e social da Figueira no final do século XIX: consequências culturais

O ambiente cultural na Figueira da Foz no final do século XIX encontrava-se em pleno desenvolvimento devido à crescente afirmação de uma economia de lazer, favorecida e proporcionada pelo Fontismo: a franca expansão de uma rede de caminhos de ferro, a par da abertura e melhoria das principais estradas do País, veio facilitar a circulação de pessoas; entre estas, contava-se a burguesia oriunda de muitas povoações do interior que, de forma crescente, procurava os centros de lazer emergentes, onde sazonalmente acorria: assim se afirmou a Figueira da Foz como uma das principais estâncias balneares do País e, ao mesmo tempo, sede de uma dinâmica vida social e cultural.

Atracção turística de veraneantes que, mesmo de Espanha, a procuravam, com exigências culturais decorrentes do seu estatuto económico e social, na Figueira dos finais do século XIX se desenvolveram importantes actividades económicas, baseadas no comércio marítimo nacional e internacional. Note-se que, à época, era preponderante a navegação de cabotagem, para transporte de mercadorias e também de pessoas, correspondendo a Figueira à terceira Associação Comercial do País, em termos de importância económica.

Foram, pois, diversos os factores que explicam o desenvolvimento das actividades culturais na cidade, entre os quais se destacam:

(*) Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Email: cardoso18@netvisão.pt

- a presença de uma associação de comerciantes poderosa (alguns deles nobilitados);
- a presença de uma classe média numerosa e influente, a que se juntava sazonalmente um avultado contingente com idênticas características sociais e interesses culturais;
- a presença de um operariado diversificado e instruído (para os padrões da época).

2. António dos Santos Rocha: aspectos idiossincráticos e profissionais

António dos Santos Rocha desenvolvia a sua actividade profissional como Advogado, com escritório aberto na cidade (Fig. 1). Foi Provedor da Misericórdia (1876-1881), Vereador da Câmara Municipal e seu Presidente, em dois mandatos (1878-1880; 1902-1904). Entre outros melhoramentos realizados sob a sua presidência, destacam-se três: o abastecimento de água à cidade (o que estreitou as suas relações com o eminente geólogo e arqueólogo Joaquim Filipe Nery Delgado); a criação do mercado municipal; e o serviço de incêndios (1902-1904).

O seu gosto pela horticultura e pelos trabalhos agrícolas favoreceu a atracção pelas actividades arqueológicas, ainda muito antes de as iniciar. Henrique de Vilhena, seu biógrafo (Vilhena 1937), caracterizou o quotidiano de Santos Rocha dos 32 aos 43 anos, que envolvia diariamente actividades de jardinagem na casa materna, perto daquela onde morava, após o trabalho no escritório, da parte da tarde, depois do jantar (cerca das 16.00-16.30 h); tais actividades eram substituídas frequentemente pelas idas à Fontela, a pé ou de barco, onde se entretinha trabalhando “na terra e sua produção, sachando, regando, podando, plantando, e limpando árvores e alinhando ruas e canteiros, numa faina verdadeira e directa, até perto do crepúsculo, em que voltava” (*op. cit.*, p. 50).

O referido autor informa que foi numa dessas ocasiões, “laborando numa terra de jardim” (sem dúvida o da casa materna), “que Santos Rocha notou em porções dela, que mandara vir de outro sítio da Figueira, vestígios de estação humana pré-histórica nesse lugar (...)” (*op. cit.*, p. 51). O acaso favoreceu o destino arqueológico de Santos Rocha, cujo o espírito já se encontrava predisposto, ainda que de forma inconsciente, para abraçar aquela que viria a ser a actividade que o tornaria célebre.

3. A criação da Sociedade Arqueológica da Figueira e do Museu Municipal

Face aos aspectos económicos e sociais que anteriormente se expuseram de forma resumida, compreende-se a lógica da criação, em 1898, e por iniciativa de Santos Rocha, de uma sociedade científica na Figueira dedicada aos estudos arqueológicos, integrando alguns dos figueirenses mais ilustrados de então. Logo no Art.º 1.º dos seus estatutos se declara o seguinte:

“A Sociedade Archeologica da Figueira, com sede na cidade da Figueira da Foz, destina-se, em geral, ao estudo dos diversos ramos das sciencias archeologicas, procurando contribuir para a resolução dos problemas da prehistoria e da historia antiga do occidente da peninsula; e, em especial a auxiliar o desenvolvimento do Museu Municipal da Figueira, onde se acham colligidos numerosos e importantes elementos para estes estudos”.

Verifica-se, assim, apesar de a sua actividade se encontrar centrada, no respeito pelos estatutos, na região figueirense, que eram evidentes as preocupações científicas da nóvel sociedade científica pelo enquadramento dos resultados das investigações obtidas naquele domínio geográfico circunscrito, para o que seria necessário alargar o espaço da intervenção arqueológica da Sociedade. Tais preocupações explicam a iniciativa de explorar as antiguidades de outras paragens e regiões: avultam, desde logo, a região beirã, onde se exploraram dólmenes, com o objectivo de se obterem elementos de comparação com as explorações efectuadas na área dolménica da Serra da Boa Viagem, objecto de estudos modelares de Santos Rocha publicados em quatro volumes entre 1885 e 1900 pela Imprensa

da Universidade de Coimbra sob o título “Antiguidades Prehistoricas do concelho da Figueira”; e a região algarvia, aqui com o intuito de se procurarem sobretudo elementos de comparação com os materiais encontrados no povoado da Idade do Ferro de Santa Olaia, cujas influências mediterrâneas, expressas pela tipologia dos materiais arqueológicos tinham sido nele claramente identificadas por Santos Rocha. Tal estratégia impunha-se, ainda, pelo facto de Estácio da Veiga, falecido em 1891, ter deixado incompleta a sua obra genial “Antiguidades Monumentaes do Algarve”, de que saíram em vida do próprio quatro volumes, o último dos quais publicado precisamente em 1891, havendo por isso lugar a muitas outras promissoras descobertas, como de facto veio a verificar-se.

Nestes termos, como explicar o interesse de Santos Rocha e da Sociedade a que presidia pela exploração das grutas da Estremadura (temática apenas representada pelas explorações realizadas na Lapa do Suão), objecto do repto que me foi lançado pela organizadora ?

Essa resposta deve procurar-se tanto no conhecimento das prioridades arqueológicas da época, por via das relações científicas estabelecidas e mantidas por Santos Rocha, como nos objectivos do Museu destinatário de tais espólios.

Começando pela caracterização deste último, verifica-se que, após uma primeira instalação do mesmo na Casa do Paço, entre 1894 e 1899, o Museu foi transferido em 1899 para o andar nobre do edifício da Câmara Municipal, então recém-construído, contemplando:

- 1 – Sala de Arqueologia Pré-Histórica (Fig. 2)
- 2 – Sala de Comparação
- 3 – Sala de Proto-História
- 4 – Secção de Arqueologia Histórica, incluindo duas sub-secções, “Época Luso-Romana e “Da Idade Média aos tempos modernos”.

Na sua organização entrevêm-se influências diversas, tanto de instituições museológicas nacionais, como estrangeiras, que Santos Rocha bem conhecia. Entre as primeiras, é de destacar a Galeria de Antropologia do Museu da então designada Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal (1892-1899), instituição dirigida por Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908) (Fig. 3), que Santos Rocha muito estimava e respeitava, a ponto de o fazer sócio honorário da Sociedade, tendo presidido à sua Quinta Sessão Plenária, realizada a 28 de Outubro de 1900. Esta sessão foi de grande relevância por ter sido a primeira que foi publicada em edição própria (Fig. 4), depois das quatro primeiras terem sido publicadas na revista Portugália, de que apenas se fizeram separatas (Fig. 5).

Por outro lado, transparecem as influências que a Sociedade da Figueira (que em 1903 viria a mudar o seu nome, por aclamação, para o nome do próprio Santos Rocha) recebeu da Sociedade Carlos Ribeiro, agremiação portuense onde se destacaram as figuras de Ricardo Severo (1869-1940) e de Rocha Peixoto (1866-1909), cuja concepção integrada da investigação científica, valorizando a importância da interrelação efectiva entre as ciências naturais, físicas ou exactas, e as ciências sociais era o seu traço mais marcante. Não se esqueça que os dois principais responsáveis da Revista Portugália – Ricardo Severo (Director) e Rocha Peixoto (Redactor em Chefe) – tinham sido os principais impulsionadores da Revista de Ciências Naturais e Sociais, órgão científico da Sociedade Carlos Ribeiro, de quem Nery Delgado fora próximo colaborador e amigo, sucedendo-lhe à frente da Comissão dos Trabalhos Geológicos, logo após a sua morte, verificada em 1883.

Assim, de novo se evidencia a importância do convívio mantido por Santos Rocha com Nery Delgado, respeitadíssimo geólogo, estratígrafo, paleontólogo e arqueólogo de projecção internacional, proporcionando ao primeiro e à Sociedade a que presidia, a obtenção de orientações para concretização de projectos científicos na área da Arqueologia, os quais se vieram a revelar de primeira grandeza no panorama da época.

A oportunidade de Santos Rocha estreitar os laços de amizade e de trabalho com Nery Delgado

resultou da estada deste último na Figueira, onde desempenhou papel determinante no âmbito do abastecimento público de água à cidade. Assim, na qualidade de sócio honorário da Sociedade, Nery Delgado contribuiu decerto com ideias para a concepção e o desenvolvimento das actividades da Sociedade e do seu Museu. Prova evidente desses contributos, é a colecção de peças pré-históricas, pertencentes ao Museu da Comissão dos Trabalhos Geológicos, reproduzidas por moldagem, que se encontram inventariadas no Catálogo das Gerações das Colecções do Museu, publicado em 1905 (Fig. 6).

Tendo presente a justa projecção granjeada por Nery Delgado na exploração arqueológica de diversas grutas da Estremadura, entre as quais aquela que corresponde à primeira monografia publicada em Portugal de uma delas – a gruta da Casa da Moura (Peniche), publicada em 1867, seguida da apresentação à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas realizado em Lisboa em Setembro de 1880, das explorações realizadas na gruta da Furninha (Peniche), é natural que Santos Rocha tivesse sido por essa via inspirado a encetar explorações também neste domínio, por forma a enriquecer o Museu com exemplares característicos de tais contextos, ainda não representados nas colecções.

Uma vez mais, o acaso proporcionou a oportunidade, como se verá a seguir.

4. As explorações conduzidas na Lapa do Suão

No Relatório da Gerência da Sociedade de 1902/1903 (Rocha, 1907 a), lê-se (p. 116):

“Tendo ensejo de irmos às Caldas da Rainha em Agosto último (1903), fomos alli informados pelo nosso consocio sr. dr. Cymbron de que havia um grupo de grutas, distante 15 kilometros, no sitio da Columbeira, concelho de Óbidos, que poderia interessar o nosso Museu; e isso foi confirmado, com maiores detalhes, pelo nosso consocio sr. José Henriques da Silva, que as visitara (...)”. Com efeito, o mesmo número do Boletim integra um artigo assinado por Santos Rocha, onde descreve os trabalhos efectuados nas diversas grutas do sitio da Columbeira, das quais apenas encontrou vestígios arqueológicos significativos na gruta designada por Lapa do Suão, ulteriormente explorada no século XX por diversas equipas e com resultados bem diferentes dos obtidos pelo pioneiro da Figueira (Rocha, 1907 b). A descrição por ele apresentada dificilmente se compagina com a realidade de terreno (Fig. 7); mas, pelo pitoresco do exagero, tendo presente que Santos Rocha, à data, tinha apenas 50 anos, vale a pena descrevê-la (*op. cit.*, p. 118):

“(...). Perguntámos pela Lapa do Suão, resolvidos a marcharmos para ella immediatamente; e indicaram-nos um nível muito mais alto do que o da Lapa Larga, e em sitio onde o declive era verdadeiramente assustador.

Começámos a subir junto a uma penedia quasi vertical (...) agarrando-nos ás saliencias da rocha e a alguns arbustos selvagens, fizemos a travessia de parte da encosta até uns dez metros do ponto indicado e quasi ao nível d'elle. A nossos pés abria-se então um abysmo de mais de 70 metros! Não tendo o habito de semelhantes ascensões e de ver grandes espaços abaixo de nós, sentimos uma certa perturbação. Pareceu-nos que não poderíamos manter o equilibrio n'aquelle enorme plano inclinado; e resolvemos descer”.

Os resultados desta primeira exploração na Lapa do Suão, realizada pelo sócio Dr. Vicente Rocha, evidenciaram a existência de uma necrópole neolítica ou calcolítica, encontrando-se os ossos humanos misturados com abundantes fragmentos de cerâmicas manuais, que comprovavam a idade do depósito. Existiam, contudo, alguns outros fragmentos que denunciavam o uso da roda do oleiro, tendo sido atribuídos à Idade do Ferro. Talvez por isso, o autor considerou que as marcas de calor patentes nos ossos humanos, desde os simplesmente queimados (incarbonização total ou parcial), de coloração negra lustrosa, até aos “calcinados” de cor branca, eram o resultado de uma necrópole

de incineração instalada naquela época na gruta. Em alternativa, admite que tais marcas fossem expressão de algum rito funerário, ou o simples resultado das desinfecções periódicas praticadas pelo fogo na cavidade, à semelhança do que anteriormente tinha admitido para algumas das criptas megalíticas da Serra da Boa Viagem, por si exploradas.

O estado de evidente mistura dos materiais atribuiu-o Santos Rocha em parte, à acção das explorações efectuadas em 1880, antecedendo a realização em Lisboa da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, dado que alguns habitantes ainda guardavam memória da presença daqueles primeiros exploradores, por conta do Governo. Consultado Nery Delgado, confirmou-se efectivamente a existência de espólios em Lisboa com a referência às grutas da Columbeira, ainda hoje conservados no actualmente designado Museu Geológico, explicando-se a iniciativa com o desejo de Carlos Ribeiro mostrar aos congressistas o maior número possível de materiais, aquando da sua visita ao Museu.

A peça mais notável recuperada no tempo de Santos Rocha corresponderá a um fragmento de enxó votiva, desde logo relacionada com os exemplares das grutas de Poço Velho (Cascais) e da anta da Estria (Sintra), exploradas por Carlos Ribeiro. Com efeito, esta peça possui, no Catálogo Geral de 1905, o número de inventário 8210, descrita como “Objecto feito de calcário mutilado representando a herminette encabada”. Trata-se sem dúvida de exemplar de elevado interesse científico. Não obtivemos contudo a confirmação de tal objecto ainda se conservar entre os espólios do Museu.

No número seguinte do Boletim (o n.º 5), publicado igualmente em 1907, apresenta-se o relato da segunda exploração da Lapa do Suão, também redigido por Santos Rocha com base no relatório que lhe foi remetido por Artur Salles Henriques, tendo os respectivos materiais dado igualmente entrada no Museu (Rocha, 1907 c). A intervenção, que foi aprofundada cerca de 1,50 m, até encontrar o substrato calcário, teve lugar em Janeiro de 1904, e nela participou, tal como na primeira, o Dr. Cymbron Borges de Sousa; os resultados confirmaram as conclusões já anteriormente apresentadas por Santos Rocha, com pequenas diferenças. Agora, admite-se que os putativos vestígios de sepulturas de incineração possam ser atribuídos também à época romana.

Além de espólios pré-históricos (ponta de seta e lâmina de sílex), recolheu-se um curioso instrumento de bronze romano relacionado com a higiene (limpeza de dentes e ouvidos), designado pelo próprio por *dentiscalpium*, para o qual invoca paralelos tanto em Portugal como no estrangeiro, o que bem evidencia a sua boa preparação científica (Fig. 8). No conjunto, estariam, deste modo, representadas na cavidade várias épocas, designadamente o Neolítico/Calcolítico, a Idade do Ferro e a época romana.

Os materiais tiveram o devido destaque no Catálogo do Museu de 1905, onde se encontram inventariados.

5. Conclusão

O Dr. António dos Santos Rocha foi personalidade marcante da vida cultural da Figueira dos finais do século XIX e inícios do século XX. Propenso ao contacto com o campo, confrontado com a origem recuada de espólios cerâmicos com que ocasionalmente se deparou, depressa desenvolveu extraordinário interesse pela Arqueologia, a ponto de o levar a prolongadas explorações, tanto no aro da sua terra natal, como em outras regiões do País, na procura incessante de paralelos para as notáveis descobertas que ali efectuou. O prestígio que lhe advinha do exercício da advocacia na sua terra natal, somava-se ao facto de pertencer a uma família respeitada da burguesia figueirense; e os cargos públicos que desempenhou, a par do ambiente favorável que então se vivia naquela progressiva cidade comercial, permitiram-lhe concretizar as duas iniciativas que maior projecção deram ao seu nome: a criação do Museu, suportado pela existência de uma sociedade que integrava

muitos outros notáveis figueirenses, agregados em torno do prestígio de Santos Rocha. Pode, pois, estabelecer-se um paralelo entre a trajetória do arqueólogo da Figueira e a de dois outros arqueólogos seus contemporâneos que, vivendo fora dos centros urbanos de Lisboa e do Porto, almejavam e conseguiram a fundação de Museus, nas suas terras natais, a partir dos espólios por si reunidos: Francisco Martins Sarmiento (1833-1899), em Guimarães, aliás suportado por uma Sociedade que adoptou, igualmente, o nome do seu patrono, e Francisco Tavares de Proença Júnior (1883-1916), em Castelo Branco.

Do contacto com diversas personalidades com projecção nacional, merece destaque o estabelecido com o seu amigo Joaquim Filipe Nery Delgado, que, tendo estanciado recorrentemente na Figueira da Foz, no âmbito dos estudos geológicos do abastecimento doméstico de água à cidade, ascendeu a sócio honorário da Sociedade Archeologica Santos Rocha. Terá sido por via do convívio com este ilustre director da então designada Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal que Santos Rocha, apoiado por outros elementos da Sociedade, empreendeu a exploração da Lapa do Suão (Bombarral), realizada em duas campanhas sucessivas. Os relatórios redigidos por Santos Rocha – conquanto não tivesse participado nas escavações – evidenciam o rigor que caracterizava a sua actividade arqueológica, neste caso motivada também pelo interesse de ver acrescentadas as colecções do Museu com espólios de natureza ainda não representados nas respectivas colecções. Mais do que a importância dos resultados obtidos em tais explorações, o interesse destas reside sobretudo por comprovar a intenção de Santos Rocha, a par do estudo de monumentos megalíticos, povoados e estações da Idade do Ferro e dos testemunhos da época romana, em que tanto se distinguiu, procurar investigar também os vestígios das épocas pré-históricas mais antigas, dando continuidade às notáveis explorações de Nery Delgado, mais de 25 anos antes, em diversas grutas da mesma região.

Agradece-se à Doutora Raquel Vilaça o convite em participar neste encontro de Homenagem a Santos Rocha, com a apresentação das explorações por ele realizadas em grutas da Estremadura (aproximadamente a área hoje correspondente ao Distrito de Lisboa); por tal razão, excluiu-se a caracterização de trabalhos realizados por Santos Rocha em grutas fora da referida região, tais como na caverna da Fórnea (concelho de Porto de Mós) e na dos Alqueves (concelho de Coimbra).

Bibliografia

ROCHA, A. dos SANTOS (1905) – *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo Geral*. Figueira: Imprensa Lusitana.

ROCHA, A. dos SANTOS (1907 a) – Relatório da gerência 1902-1903. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira. 1 (4), p. 115-117.

ROCHA, A. dos SANTOS (1907 b) – As grutas da Columbeira. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira. 1 (4), p. 118-122.

ROCHA, A. dos SANTOS (1907 c) – Novas explorações na gruta da Lapa do Suão. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira. 1 (5), p. 150-153.

VILHENA, H. de (1937) – *O Dr. António dos Santos Rocha*. Lisboa: edição do Autor.



Fig. 1 - Foto tirada na época correspondente à exploração da Lapa do Suão (in Vilhena, 1937)



Fig. 2 - Joaquim Filipe Nery Delgado. Foto tirada na época correspondente à de maior relacionamento com António dos Santos Rocha (arquivo J. L. C.)



Fig. 3 - Aspecto da sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu Municipal da Figueira da Foz. (postal antigo editado pelo Museu, arquivo J. L. C.)



Fig. 4 - Capa da primeira edição autónoma do *Boletim*, correspondente à sessão presidida por Nery Delgado (arquivo J. L. C.)

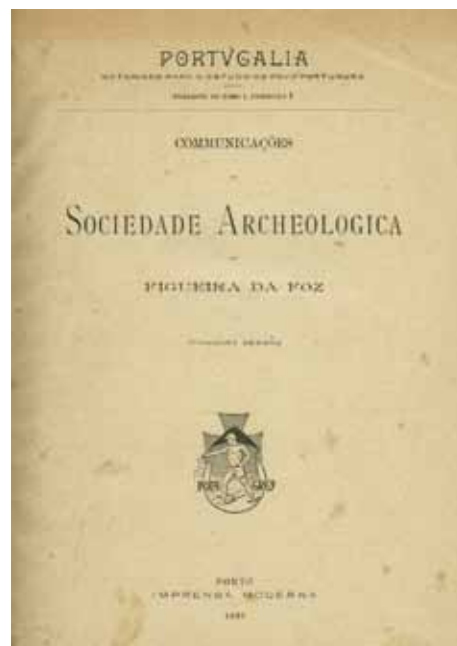


Fig. 5 - Capa do primeiro fascículo do *Boletim*, publicado sob a forma de separata da revista *Portugalia* (arquivo J. L. C.)



Fig. 6 - Capa do primeiro catálogo das colecções do Museu Municipal.



Fig. 7 - Vista parcial da subida para a Lapa do Suão, através de escarpa de calcários jurássicos: do lado esquerdo a gruta Nova da Columbeira, em curso de exploração, em 1962; em segundo plano, a Lapa Larga.

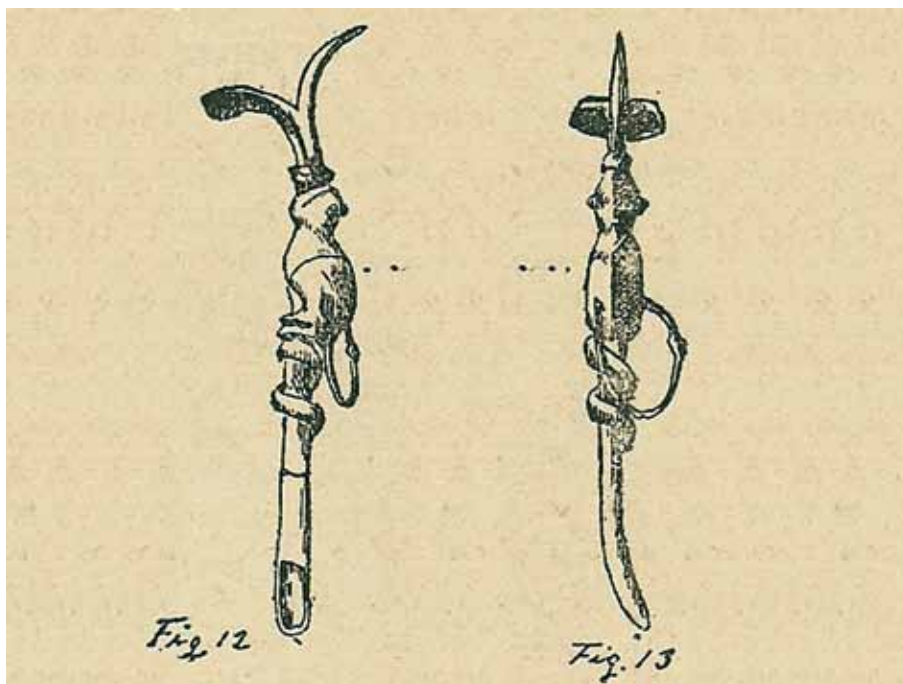


Fig. 8 - *Dentiscalpium* romano, recolhido na Lapa do Suão (in Rocha, 1907 c, Fig. 12 e 13).